

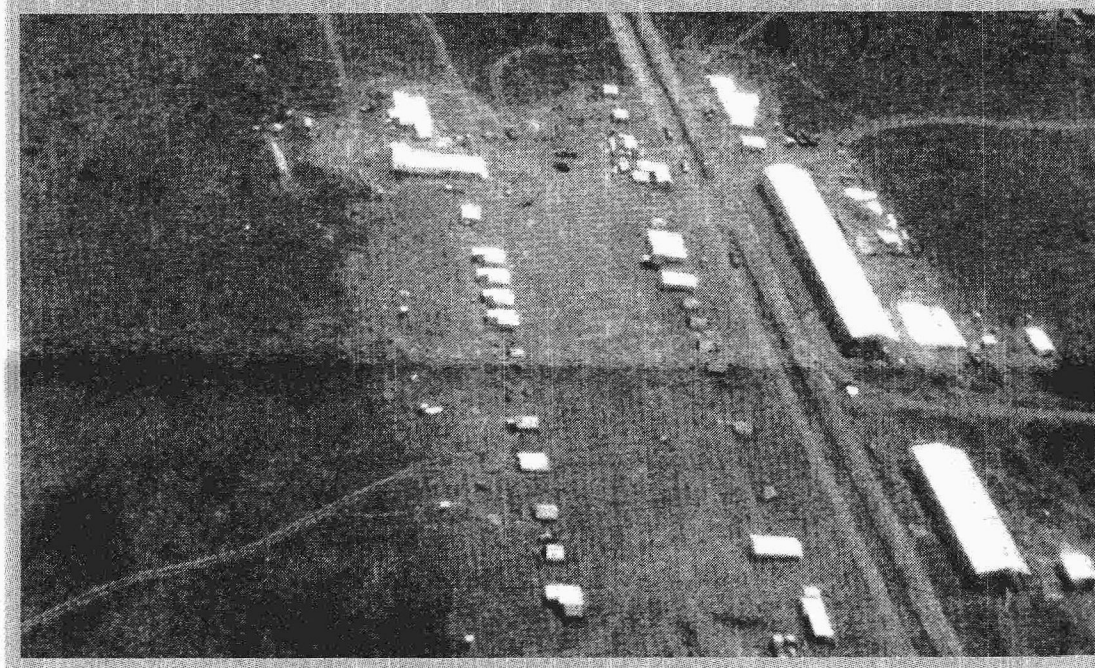
PIONEIROS



Luzardo Jacó de Castro e Silva

Na Novacap, emprego assim que chegou

Reprodução do livro *A Epopéia da Construção de Brasília*



BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

Os relatos do cunhado João Borges, sobre os benefícios que a nova capital traria para aqueles que aceitassem trabalhar em sua construção, incentivaram o cearense Luzardo Jacó de Castro e Silva a deixar Fortaleza em direção ao Planalto Central. Hoje, aos 74 anos, Luzardo emociona-se ao lembrar dos primeiros anos na terra hoje consolidada como Distrito Federal.

Um dos primeiros funcionários contratados pela Novacap, Luzardo abandonou o trabalho em um laboratório na capital cearense para ser admitido como auxiliar administrativo da companhia em 15 de abril de 1957. Casado com Cleide Borges Silva e pai de duas crianças de colo, Luzardo veio primeiro sozinho. "Peguei um avião para Goiânia e de lá um ônibus que levou um dia de viagem para chegar aqui", conta. "Cheguei no sábado e na segunda-feira já estava trabalhando", completa.

A Novacap ficava instalada em um galpão de madeira na Velhacap, ao lado da Cidade Livre (Núcleo Bandeirante). A moradia de Luzardo havia sido garantida pelo cunhado, em uma das dez primeiras casas de madeira da região, construídas para abrigar os funcionários da Novacap. Lá viveriam Borges, a esposa, cinco filhos e Luzardo, que, um mês depois, traria a es-

posa e os dois filhos pequenos.

A Cidade Livre já existia, mas só começaria a ganhar o aspecto de cidade meses depois. Naquele momento, podia ser considerada uma pequena vila, com algumas casas de madeira, um mercado, um cinema e a farmácia Moura, nome preservado na memória do cearense.

No caminho entre a Velhacap e a Cidade Livre, ficava um dos poucos restaurantes já inaugurados e que se tornaria ponto de encontro das famílias de imigrantes que começavam a povoar os arredores da futura capital do país — o Maracangalha.

O ritmo de trabalho já era intenso. Luzardo começava o serviço às sete da manhã e voltava para casa depois das seis da tarde, quando anoitecia. A primeira função junto à companhia era anotar todas as despesas feitas

em prol da construção de Brasília.

Um mês depois de instalado na Velhacap, a esposa Cleide desembarcava no primeiro aeroporto de Brasília a bordo do também primeiro voo para a nova capital. "Quando vi o mato, a poeira achei tudo um horror, pensava 'estou ficando louca, o que é que vim fazer aqui?'"", conta Cleide. Viver na futura sede da capital da República era um desafio para esta cearense, que nunca havia se distanciado da família. "Sofri muito no início", admite.

Vida nômade

O comércio na Cidade Livre ainda não supria todas as necessidades dos primeiros moradores de Brasília. Cleide recorda-se, por exemplo, de encomendar pacotes de chupetas para as pessoas que iam a Anápolis ou Goiânia.

Luzardo, Cleide e os dois filhos

viveram com João Borges e a família numerosa durante seis meses e mudaram-se para um alojamento que ficava no antigo aeroporto de Brasília. O aeroporto funcionava no mesmo setor onde hoje são feitos os embarques e desembarques aéreos, mas a construção onde chegavam os passageiros era bem simples, também de madeira.

O alojamento fora construído para abrigar os funcionários das empresas aéreas, como aeromoças, pilotos e atendentes. A residência consistia em um enorme galpão de madeira com vários quartos. Luzardo e Cleide ficaram ali por cinco meses e mudaram-se para o acampamento da Metropolitana, próximo à Cidade Livre, no local onde hoje está a Candangolândia. "Quando construíram as primeiras casas de madeira no acampamento, ga-

O PRIMEIRO EMPREGO DE LUZARDO NA CAPITAL FOI NA NOVACAP, QUE FICAVA EM UM GALPÃO DE MADEIRA NA VELHACAP

nhamos logo uma", contam.

A família ganhava um pouco de espaço pela primeira vez depois de quase um ano. A casa da Metropolitana tinha dois quartos, banheiro e água encanada, que vinha de uma ligação feita no Catetinho para abastecer a região.

A estrada que hoje liga a Candangolândia ao Núcleo Bandeirante não existia. Para chegar à Cidade Livre saindo da Metropolitana, era preciso percorrer uma pinguela (ponte estreita de madeira). O acampamento ficava perto do primeiro grupo escolar da região, onde os filhos do casal estudaram por alguns anos. Próximo dali, também havia o único hospital da cidade, administrado pelo IAPI — Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriais. Pouco tempo depois, a pinguela terminou sendo substituída por uma estrada.

Melhorias

A vida melhorava aos poucos, ao mesmo tempo em que a família se adaptava à realidade da futura Brasília. Cleide já não pensava em voltar para o Ceará. Em 1958, o casal tinha o primeiro filho nascido no Planalto Central — Paulo Augusto Borges e Silva. O Hospital do IAPI era simples e também ficava em uma construção de madeira, mas atendia bem às primeiras necessidades do candangos.

No mesmo ano, as primeiras 20 casas do que seria, no futuro, chamado de Plano Piloto, ficaram

PIONEIROS

Em busca das oportunidades que a capital em construção oferecia, Luzardo saiu de Fortaleza rumo a Brasília em 1957. A família veio um ano depois e aqui cresceu e ficou

LUZARDO E CLEIDE,
AGORA
SOSSEGADOS
DEPOIS DE VÁRIAS
MUDANÇAS DENTRO
DA CAPITAL

prontas. Eram casas populares, de alvenaria, construídas de forma padronizada, localizadas na quadra 26, hoje 710 Sul. Luzardo foi contemplado com um dos imóveis e terminou mudando-se novamente.

A construção dos blocos de apartamentos da Asa Sul ainda estava no início. A avenida W3 já estava aberta, mas a imagem que se tinha na época é completamente diferente do que vemos hoje — uma rua de mão dupla, sem canteiro central, que cortava grandes áreas de cerrado fechado, entremeadas por poucas casas de alvenaria. No comércio, poucas lojas abertas. A primeira, segundo Cleide, foi a extinta Bibabô, que também tinha sede na Cidade Livre. Em seguida, foram abertos o restaurante Roma e uma panificadora chamada Cruzeiro.

O escritório da Novacap continuava na Velhacap e a escola das crianças na Metropolitana, mantendo os laços da família com a primeira cidade do Distrito Federal. Depois de alguns meses, o escritório da companhia terminou sendo transferido para a 508 Sul. Neste mesmo ano, o segundo filho brasileiro de Luzardo — Marcos Borges de Castro e Silva — nasceu na garagem do hospital do IAPI, por falta de espaço na sala de partos da unidade de saúde.

O pioneiro conta que o presidente Juscelino Kubitschek, por diversas vezes, descia de helicóptero nos espaços abertos próximos à 508 Sul para ir ao escritório da Novacap.

Do Plano Piloto, Cleide recorda-se também do Clube da Novacap, que não existe mais, onde foram organizados os primeiros bailes de carnaval da cidade, próximo a onde hoje es-



tá o Centro de Convenções Ulisses Guimarães.

A partir de 1959, o movimento de pessoas chegando ao Distrito Federal era intenso. Vinham de todos os estados, principalmente do Rio de Janeiro e do Nordeste. A mistura de costumes e culturas criou um ambiente de liberdade com o qual Cleide não estava acostumada e hoje elogia: “Aprendi a não ver maldade em hábitos que para nós, em Fortaleza, eram tabus, como uma mulher sair sozinha com um homem que não fosse seu marido ou parente.”

De volta à Metropolitana

A vida no Plano Piloto era fácil em comparação aos primeiros meses na Velhacap. Luzardo viveu ali até 1966, mas precisou vender a casa e mudar-se para Taguatinga, que já deixara de ser

invasão e se desenvolvia como cidade. “Passávamos o direito de uso para o comprador e, depois de quitadas todas as parcelas mensais que pagávamos para ocupar o imóvel, transferíamos a escritura”, explica.

Não era difícil arrumar compradores para os imóveis em Brasília depois de instaurado o regime militar, pois não havia mais dúvidas de que a capital da República consolidara-se no Plano Central.

O tempo de permanência em Taguatinga não foi longo. A distância entre a cidade e o Plano Piloto era grande na época, pois não havia construções no caminho. Mas o motivo real de mudança da família foi a venda das casas da Metropolitana, local que até hoje provoca saudades em Luzardo.

“Voltamos para a mesma casa

“
PEGUEI UM AVIÃO
PARA GOIÂNIA E DE
LÁ UM ÔNIBUS QUE
LEVOU UM DIA DE
VIAGEM PARA
CHEGAR AQUI.
CHEGUEI NO
SÁBADO E NA
SEGUNDA-FEIRA JÁ
ESTAVA
TRABALHANDO

onde moramos no início, ficamos lá por seis meses e terminamos comprando outra maior, na Rua Dois da Metropolitana”, contam Luzardo e Cleide. A casa ainda era de madeira, mas a Candangolândia e o Núcleo Bandeirante já estavam bem desenvolvidos. A família viveu na Metropolitana até 1986 porque Luzardo insistia em permanecer ali. “Recebemos o direito de ocupar imóveis na Asa Sul e no Guarã, mas ele não queria deixar a Metropolitana”, conta a filha Ynara.

Dos seis filhos de Luzardo, cinco trabalharam na Novacap. Além do DTI, o pioneiro também trabalhou por vários anos na Divisão de Administração de Imóveis, responsável por destinar os imóveis de Brasília aos funcionários da companhia, que só passaram a ser considerados funcionários públicos em 1960. De cada quadra concluída, no Plano Piloto ou nas cidades satélites, alguns blocos de apartamentos ou casas eram reservadas para a Novacap. Foi assim que, em 1986, Luzardo foi convencido a mudar-se para um imóvel no Guarã, onde hoje vive com Cleide.

Raio X

Nome:

Luzardo Jacó de Castro Silva

Idade:

74 anos

Origem:

Redenção, Ceará

Profissão:

Funcionário público aposentado

Ano de chegada a

Brasília:

1957

Esposa:

Cleide Lucy Borges e Silva

Filhos:

César, Ynara, Paulo Augusto, Marcos, Cláudio e Márcio

Netos:

Adriana, Rafael, Isabella, André, Gustavo, Guilherme, Carolina, Rafaela, Natasha, Mariana, Cláudio, Nicholas, Bruno, Lucas, João Paulo, Pedro, Jéssica, Cecília, Geovana, Thaynara, Fernanda, João Vitor e Pedro Henrique

Bisnetos:

Pedro Lucas e Sofia